

Elementos sobre a sociologia da família em Portugal **

A sociologia da família insere-se, em Portugal, numa rede de influências múltiplas e numa história que não pretendemos expor aqui de maneira exaustiva ¹, mas da qual vamos tentar apresentar alguns elementos, tanto das suas origens quanto das suas orientações actuais.

1. OS TRABALHOS PRECURSORES DOS SEGUIDORES DE LE PLAY: MONOGRAFIAS FAMILIARES E REGIONAIS

Entre os primeiros trabalhos sobre a família em Portugal encontramos três séries de monografias realizadas entre 1909 e 1934 por sociólogos franceses e portugueses da escola playsiana: Léon Poinard (1910), José Machado Fontes e Manuel Alves Pimenta (1918) e Paul Descamps (1935) ². A este último, membro do grupo da *Ciência Social*, foi oferecido, em 1930, um cargo na Faculdade de Direito de Coimbra para dar um curso de ciência social (Kalaora e Savoye, 1989) ³. Convidado oficialmente por Salazar, então ministro das Finanças, a emitir o seu diagnóstico sobre a sociedade portuguesa, ele fê-lo em duas obras — *Le Portugal, la vie sociale actuelle* (1935) e *L'Histoire sociale du Portugal* (editado em 1959, mas escrito em 1939) —, nas quais aplicaria o quadro de análise que havia desenvolvido para a observação de outras sociedades. Tratando-se de apreciar os laços de solidariedade existentes na sociedade portuguesa, era necessário proceder a inquéritos monográficos sobre as comunidades familiares.

A partir de cerca de sessenta monografias de família realizadas em diferentes regiões de Portugal, Descamps (1935, 1959) evidenciou diversos tipos de família:

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

** Este texto retoma uma comunicação apresentada em III^{èmes} Rencontres annuelles sur la famille do GDR (Groupement de recherche en sociologie de la famille), em Paris, em 1991, intitulada «Réflexions sur la sociologie de la famille au Portugal».

¹ Para uma análise das vicissitudes da sociologia no fim do século XIX e na primeira metade do século XX, v. Braga da Cruz (1983).

² Para uma análise aprofundada dessas monografias, v. Medeiros (1987).

³ V. também Braga da Cruz (1983).

a família «desorganizada e instável» (ou união de facto) dominante entre os assalariados agrícolas a sul do Tejo; a «grande comunidade» (composta por vários casais e um grande número de parentes co-residentes) nas montanhas do Norte; a família «tronco» no Noroeste; a família de «casal simples» e a «pequena comunidade» (composta em geral por dois casais), existentes em diversas regiões do país. Definiu igualmente «regiões sociais», caracterizadas por um modo de organização familiar determinado em grande parte pelos constrangimentos do meio físico e biológico (Kalaora e Savoye, 1989, 220).

A orientação geral de Descamps, incidindo sobre os elementos de estabilidade e de solidariedade das sociedades e das famílias, estava em consonância com a ideologia do Estado Novo, que via na família a célula base e a guardiã moral da sociedade. Tal não retira algum valor científico à sua abordagem. Segundo Medeiros (1987, 108), que se tem interessado pelo estabelecimento de uma «morfologia» de Portugal, Descamps contribuiu para a identificação do sistema de reprodução dos camponeses caracterizado pelo «direito de primogenitura consuetudinário». Do ponto de vista da história das ciências sociais em Portugal, o trabalho de Descamps e dos adeptos de Le Play representa um trabalho precursor. Primeiro, porque o seu projecto de conhecimento da realidade social assenta numa observação pormenorizada e na pesquisa empírica, que, no domínio da sociologia, só seriam retomadas em finais dos anos 70. Segundo, porque constituiu um primeiro esforço para resolver questões de método levantadas pela articulação entre o descritivo e o explicativo, a teoria e a empíria, o passado e o presente.

A abordagem empírica das famílias, inaugurada pelos seguidores de Le Play, foi retomada, durante os anos 50 e 60, num contexto diferente, o do desenvolvimento da etnologia. Os dados recolhidos por Jorge Dias (1953, 1961) nas suas monografias de comunidade aldeãs, bem como os recolhidos por Callier-Boisvert (1968), confirmaram a existência de famílias alargadas e de casais co-residentes no Norte de Portugal. Emílio Willems — etnólogo de origem alemã que trabalhou sobre comunidades rurais brasileiras e efectuou uma apreciação crítica dos trabalhos dos adeptos de Le Play — também procurou descrever as formas diferenciadas da família portuguesa e sublinhou a existência frequente de famílias «extensas» em certas partes do Minho e de Trás-os-Montes.

Tal como os trabalhos de Descamps, os estudos sobre a família realizados nos anos 50 e 60 inscreviam-se num discurso político, social e literário que sublinhava os contrastes demográficos, geográficos, económicos e sociais entre regiões. Quando, na viragem do século, se assistira a uma emigração maciça das regiões do Norte em direcção ao Brasil, já o historiador Oliveira Martins pusera em relevo os traços que opunham a sociedade rural do Norte à do Sul (Martins, 1887-1892). Durante os anos 50-60, geógrafos como Orlando Ribeiro (1963), etnólogos como Dias (1953, 1961) e demógrafos como Livi Bacci (1971) acabariam também por delinear a imagem de um país marcado por variações

regionais muito profundas, geralmente polarizadas em torno de dois mundos opostos, o do Minho e o do Alentejo. Esta representação iria, aliás, perdurar no pensamento social.

2. MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA E DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA

O desenvolvimento dos estudos sobre a família em Portugal também se inscreve, obviamente, na história da sociologia portuguesa. Esta emergiu, ao longo dos anos 60, num contexto económico e social particular: o da reorientação do processo de industrialização e da abertura progressiva ao investimento estrangeiro; o das guerras coloniais; o da estagnação da sociedade rural, dando origem ao abandono dos campos para a cidade e à emigração maciça para a Europa.

Do ponto de vista da sociologia, os anos 60 foram marcados pela criação de espaços institucionais de investigação não directamente ligados aos fins pragmáticos da administração pública e pelo princípio de um esforço sistemático de reflexão científica. É nesta altura que investigadores oriundos do Centro de Estudos Corporativos, de orientação católica, criam o GIS (Gabinete de Investigações Sociais ⁴) e que a sociologia se abre a novas temáticas: trabalho e sindicalismo, demografia e emigração, cultura e educação, mudanças sociais associadas à modernização. Mas o trabalho de terreno é praticamente inexistente: a ampliação do conhecimento empírico da sociedade portuguesa repousava, em grande medida, sobre análises secundárias e sobre o estudo de dados estatísticos. Pouco a pouco, define-se uma linha central de investigação. Partindo, ora da noção de estratificação, ora da de classes sociais, o objectivo é conhecer a composição social da população portuguesa e compreender as mudanças em curso, assim como os factores e resistências à modernização. O espaço rural, em vias de transformação, torna-se, desde os anos 70, um domínio privilegiado para tal análise.

No que diz respeito aos quadros conceptuais de investigação, podemos distinguir dois períodos ⁵. No momento da criação do GIS, em princípios da década de 60, as ciências sociais tentavam libertar-se da componente doutrinária que marcara os trabalhos do Centro de Estudos Corporativos e produzir um discurso sociológico autónomo. Durante a década seguinte, os jovens investigadores, frequentemente vindos de outras disciplinas (direito, história, economia, filosofia) e armados da multiplicidade de perspectivas em voga

⁴ O GIS edita, a partir de 1963, a revista *Análise Social*. V. Adérito Sedas Nunes, «Histórias, uma história e a História — sobre as origens das modernas ciências sociais em Portugal», in *Análise Social*, n.º 100, 1988.

⁵ V., a esse propósito, a reflexão de Rodrigues e Pires de Lima (1988) sobre a investigação no domínio do trabalho e do emprego.

— desde as análises weberianas às sociologias da acção, passando sobretudo pelo pensamento marxista, cuja influência, então considerável, se explicava, em parte, pela sua importância na luta ideológica e política contra o regime —, procuravam compensar a posição periférica de Portugal em relação aos principais centros de saber sociológico.

Assim, as condições particulares em que se encontrava a produção científica — num contexto de passagem do autoritarismo à democracia — explicam, em parte, dois traços característicos da sociologia portuguesa durante os anos 70 e 80: ao nível teórico, a tendência para privilegiar o macrossocial e o problema da regulação social; no plano da investigação, a quase ausência de debate crítico e de confronto teórico ou metodológico.

O movimento de 25 de Abril de 1974 traduziu-se por uma eclosão de iniciativas sociais, económicas, políticas e culturais que abriram novas perspectivas às ciências sociais. Os pólos de investigação e de ensino já criados puderam desenvolver-se e apareceram novos centros universitários. Estas condições de trabalho profissional em sociologia permitiram a diversificação e o aprofundamento progressivo das temáticas, dos paradigmas e das metodologias. A investigação pôde apoiar-se numa maior circulação dos sociólogos e em contactos mais estreitos e frequentes com as ciências sociais de outros países. Entretanto, a fragilidade institucional da comunidade científica permanece considerável. Embora pouco numerosa, ela teve de formar os primeiros estudantes em sociologia e dedicar-se à investigação, apesar de um contexto em que os recursos das bibliotecas eram limitados, os dados de base sobre a realidade social portuguesa, passada e presente, insuficientes e os meios atribuídos à investigação parcos e progredindo muito lentamente.

3. CIÊNCIAS SOCIAIS E RECONHECIMENTO DO GRUPO DOMÉSTICO

Desde o fim dos anos 70, no prolongamento das influências já descritas e sob o efeito de novas tendências que se revelaram progressivamente, a investigação sobre a família conheceu diversos desenvolvimentos.

O primeiro refere-se à história social e à demografia histórica da família. Um antropólogo que havia ensinado história da família na Universidade de East Anglia, Robert Rowland, e fora convidado a criar um departamento de ciências sociais na Faculdade de Economia do Porto ⁶, em 1979 transfere-se para o ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa), em Lisboa, instituto que tinha a cargo a formação de licenciados em Sociologia e, mais tarde, a de licenciados em Antropologia Social. Com Robert Rowland são retomadas as interrogações sobre a estrutura da família portuguesa e estabelecidos

⁶ Rowland trabalhou aí, em colaboração com Fátima Brandão, sobre a problemática da herança na sociedade rural do Alto Minho (Brandão e Rowland, 1980).

contactos com o *Cambridge Group* (especialmente com Richard Smith), estudando, segundo o método desenvolvido por aquela escola e num quadro de investigação comparativa, as características da organização dos grupos domésticos portugueses (Rowland, 1984 e 1986). Após a visita de Peter Laslett ao ISCTE, em princípios dos anos 80, deu-se início a um seminário de sociologia histórica no Instituto Gulbenkian de Ciência ⁷, que iria durar três anos. Raul Iturra, antropólogo formado em Cambridge, estabeleceu-se em Lisboa por intermédio de Rowland. Trabalhando sobre a sociedade rural do centro do país, cria no ISCTE um outro seminário, sobre os problemas de transição, no qual sociólogos e antropólogos participam activamente ⁸. Nestes dois seminários, o debate em torno de um objecto de análise específico — a sociedade rural — vai permitir uma troca frutuosa entre a sociologia, a antropologia, a história, a demografia e a geografia humana.

Por outro lado, investigadores de antropologia social, como Cutileiro, Pina Cabral e O'Neill, que estavam a realizar novas monografias de comunidades rurais — em Oxford, dentro da tradição mediterrânica inglesa (Cutileiro, 1977; Pina Cabral, 1986), ou na London School of Economics (O'Neill, 1978) —, são levados a interessar-se pela família. João Pina Cabral, ao tentar compreender os rituais da região do Minho, iria ver-se, como ele próprio afirma, perante a necessidade de olhar «para a família por trás dos rituais». Brian O'Neill — em quem se nota a influência teórica de Bourdieu, de Netting, de Goody — começa a analisar as estratégias de casamentos e de transmissão, assim como a questão dos filhos ilegítimos, ligando-as aos principais grupos sociais da comunidade.

Simultaneamente, do lado da sociologia, que começara a recolher dados e a confrontar paradigmas sociológicos com os problemas levantados pela análise da realidade social portuguesa, a ênfase colocada nas classes sociais irá conduzir à abertura de um debate sobre a importância do grupo doméstico na compreensão das relações entre classes sociais e mudança social. Na encruzilhada das perspectivas accionalista e estruturalista, das influências de Pierre Bourdieu e de Anthony Giddens, de Erik Olin Wright e de Daniel Bertaux, dos campos da sociologia e da antropologia rurais, o trabalho de João Ferreira de Almeida (1986) — uma investigação sobre uma zona rural cujos residentes migram quotidianamente para trabalharem numa fábrica — dedica-se a operacionalizar o conceito de classe social, tendo em conta ao mesmo tempo as trajectórias individuais e a situação de classe de todos os membros do grupo doméstico.

⁷ Para uma apreciação desse seminário, v. o artigo editado na *Revista Internacional de Sociologia*, n.º 43, 1982, pp. 447-469. Entre os colaboradores mais próximos de Rowland no Instituto Gulbenkian de Ciência encontravam-se Brian O'Neill, Álvaro Ferreira da Silva, Paula Diogo e Fernando Vieira da Silva.

⁸ Participaram nas sessões desse seminário, entre outros, Nelson Lourenço, J. Ferreira de Almeida, Afonso de Barros, António Firmino da Costa, Maria das Dores Guerreiro, José Sobral, Maria José Maranhão, Fernando Baptista, Mary Bouquet, João Pina Cabral e Karin Wall.

A problematização da família foi assim sendo elaborada nas entrelinhas de trabalhos pertencentes às várias disciplinas, os quais haviam optado por objectos mais vastos de análise — a sociedade rural, os movimentos migratórios, as classes sociais, a demografia, as mulheres ⁹, etc. — e que tentavam progredir no corpo a corpo entre a teoria e a pesquisa empírica. É verdade que só a demografia histórica constituiu explicitamente a família em objecto privilegiado de análise. A sociologia e a antropologia rurais, a sociologia das migrações, a sociologia urbana, a das classes sociais e a da educação apenas se interessaram pela família, dado o seu papel em certos processos sociais, de que são exemplo a mobilidade social, a mudança da sociedade rural, a socialização ou a construção simbólica. Ancorada nos debates que acompanharam os primeiros trabalhos sobre a sociedade portuguesa, a investigação sociológica sobre a família procurou, contudo, criar um espaço mais autónomo e, para tal, apoiou-se na sociologia da família desenvolvida no estrangeiro.

Em 1986, a convite do ISCTE, Jean Kellerhals apresentou uma conferência sobre os tipos de interacção na família e a sua obra *Microsociologie de la famille* (Kellerhals, Troutot e Lazega, 1984) seria traduzida para português no ano seguinte. A partir de então jovens investigadores ¹⁰ criaram um seminário de investigação e de formação em sociologia da família, no qual participaram numerosos investigadores estrangeiros ¹¹.

Alguns investigadores assumiram-se então como pertencentes à área da «sociologia da família», adoptando como objectivo central a análise dos processos familiares. Esbarraram, como Descamps nos anos 30 e como os sociólogos que trabalhavam noutros domínios, com a insuficiência de dados, estatísticos em particular, e com a dificuldade em analisar as mutações sociais sem um conhecimento satisfatório das situações anteriores. Limitaram então o seu campo de investigação a objectos particulares, como a família operária da região do Barreiro (Almeida, 1990) ou o divórcio no meio urbano (Torres, 1988 e 1990), e adoptaram um método indutivo, procurando no passado as chaves do presente e esforçando-se por articular sistematicamente o micro e o macrosocial, os actores e as estruturas, o qualitativo e o quantitativo. Sem dúvida, um tal esforço, marcado por um certo ecletismo metodológico e teórico, manifestava mais a ambição de analisar as características e os movimentos da sociedade portuguesa do que a preocupação de responder aos desafios propostos à escala internacional

⁹ A sociologia consagrada às temáticas femininas desenvolveu-se consideravelmente depois de 25 de Abril de 1974. Vários investigadores que trabalham neste domínio interessaram-se mais tarde pela sociologia da família. Para ter uma ideia das contribuições recentes nesse domínio de investigação, v. as actas de dois colóquios realizados em 1985: «Mulheres em Portugal», in *Análise Social*, n.º 92, 1986, e «A mulher na sociedade portuguesa», Faculdade de Letras, Coimbra Editora, 1986.

¹⁰ Entre os quais Ana Nunes de Almeida, Anália Torres, Maria das Dores Guerreiro e Karin Wall. O seminário conduziu à criação, em 1989, do GREF (Grupo de Estudos de Sociologia da Família) no interior do CIES (Centro de Estudos e Investigação de Sociologia) do ISCTE.

¹¹ Entre os participantes notam-se Jean Kellerhals, Martine Segalen, Françoise Zonabend, François de Singly, Daniel Bertaux, Catherine Delcroix, Elizabeth Handman, Marilyn Ingher-Tallman, Louis Roussel, João Pina Cabral e Raul Iturra.

pela investigação sociológica. A concretização de tal esforço, se, por um lado, permitiu reduzir as demarcações disciplinares, teóricas e metodológicas, não favoreceu, por outro, a emergência de abordagens sociológicas específicas, nem mesmo concorrentes do ponto de vista teórico e metodológico.

4. A SOCIOLOGIA DA FAMÍLIA HOJE

Vários investigadores, ancorados nos debates referentes às relações entre sociedade camponesa e mudança social, iam continuar a privilegiar como objecto de estudo a família na sociedade rural. Nelson Lourenço empreendeu, assim, de 1983 a 1988 uma monografia comparativa de três aldeias para «observar de perto o papel exercido pelas famílias rurais como agentes activos na articulação entre sociedade rural e indústria» (Lourenço, 1991). A fim de estudar essa articulação, explora as relações das unidades familiares com o sistema de produção, as alianças matrimoniais e as práticas de herança. Karin Wall interessa-se pelas lógicas familiares camponesas — em particular a da família tronco — e pelas suas relações com os processos de mudança social que afectaram a comunidade rural: semi-industrialização, modificação das relações de classe e de sexo, mutações culturais (Wall, 1988 e 1992). João Arriscado Nunes, apoiando-se nos métodos da demografia histórica¹², começa por efectuar a análise das estruturas familiares do Norte de Portugal e das variações sociais, culturais e económicas que fazem da região um «campo de diferenças», para, depois, estudar as interacções quotidianas na família rural contemporânea do Norte, procurando compreender como a família e o espaço doméstico se constroem através das relações quotidianas (Nunes, 1986 e 1988).

Situando-se ainda na problemática das relações entre família e mudança social, outros trabalhos tomam como objecto de estudo as famílias de outros meios sociais: operários do Barreiro (Nunes de Almeida, 1990) ou pequenos empresários (Guerreiro, 1989).

No campo da demografia há que citar os estudos desenvolvidos por José Manuel Nazareth sobre a fecundidade e o envelhecimento da população portuguesa (Nazareth, 1975-1976, 1978 e 1979) e trabalhos mais recentes que estudam a fecundidade e a nupcialidade, aliando sociologia e demografia, de que são exemplo os de Elizabeth Reis (1990) e de Óscar Soares Barata (1985)¹³.

Novos temas aparecem, como o divórcio e a diversidade das suas representações sociais segundo o sexo e a classe social (Torres, 1988 e 1990), os jovens e a

¹² Outros trabalhos foram conduzidos nesta perspectiva, ou numa perspectiva próxima, ao longo dos últimos anos [v., por exemplo, o trabalho de Cristiana Bastos (1988), o de Caroline Brettell sobre a população e a história de uma freguesia no Alto Minho (1986) e o de Álvaro Ferreira da Silva (1991)].

¹³ V. também os trabalhos em curso de Maria Norberta Amorim (Universidade do Minho), de Françoise Royer (Universidade Nova de Lisboa), de Maria das Mercês Covas (Universidade de Évora) e de Mário Bandeira (ISCTE)

família (Machado Pais, 1985) ou ainda a violência familiar como prática social enraizada no contexto das relações conjugais (Ferreira da Silva, 1991).

Para concluir esta breve introdução às origens e às tendências actuais da sociologia da família em Portugal, podemos dizer que este domínio de investigação se encontra ainda na fase inicial de um esforço de reflexão sistemática e que se observa a preponderância de um olhar interdisciplinar, mobilizando a demografia, a história social, a antropologia e a sociologia. Podemos dizer ainda que a abordagem sociológica da família estabelece uma ponte entre o microssocial e o macrossocial, entre os actores e as estruturas. E, por razões de ordem prática (a escassez de estudos sociológicos, as limitações dos dados estatísticos e a ausência de grandes pesquisas encomendadas pelos serviços públicos), mas, provavelmente, também por razões históricas de filiação da disciplina (a importância da monografia empírica, por exemplo), a investigação privilegia a análise intensiva da vida familiar, procurando dar conta da sua especificidade e da sua articulação com as mudanças sociais globais.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ana Nunes de (1984), *Comportamentos Demográficos e Estratégias Familiares*, Lisboa, ICS, «Estudos e Documentos ICS», n.º 10.
- (1986), «A fábrica e a família — tópicos para uma reflexão», in *Análise Social*, n.º 91, pp. 279-312.
- (1987), *Bibliografia sobre a família e a mulher no Portugal do Século XX*, Lisboa, ICS, «Estudos e Documentos ICS», n.º 16.
- (1990), *A Fábrica e a Família Operária no Barreiro*, Lisboa, tese de doutoramento.
- ALMEIDA, Ana Nunes de, Maria das Dores Guerreiro, Anália Torres e Karin Wall (ed.) (1992), *Familles et contextes sociaux*, actes du Colloque de Lisbonne, Lisboa, CIES/AISLF.
- AMORIM, M. Norberta (1991), *Exploração de Róis de Confessados numa Paróquia de Guimarães*, Guimarães, ed. do autor.
- BARATA, Óscar Soares (1985), *Natalidade e Política Social em Portugal*, ISCSP, Lisboa.
- BASTOS, Cristiana (1988), «The northeastern Algarve and the southern Iberia family pattern», in *Journal of Family History*, n.º 1, pp. 111-122.
- BOUQUET, Mary (1984), «The differential integration of the rural family», in *Sociologia Ruralis*, vol. XXIV, n.º 1, pp. 65-77.
- BRAGA DA CRUZ, Manuel (1983), «Para a história da sociologia académica em Portugal», in *Estudos em Homenagem aos Profs. Manuel Paulo Merea e Guilherme Braga da Cruz — Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*.
- BRANDÃO, Fátima (1985), «Práticas de herança no concelho de Vieira do Minho», in *Les campagnes portugaises de 1870 à 1930: image et réalité*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre culturel portugais, pp. 143-172.
- BRANDÃO, Fátima, e Robert Rowland (1980), «História da propriedade e comunidade rural: questões de método», in *Análise Social*, n.ºs 61-62, pp. 173-207.

- BRETTELL, Caroline (1986), *Men Who Migrate, Homen Who Wait — Population and History in a Portuguese Parish*, Princeton, Princeton University Press.
- CALLIER-BOISVERT, C. (1968), «Remarques sur la parenté et sur la famille du Portugal», in *L'Homme*, t. VIII, pp. 87-103.
- CUTILEIRO, José (1977), *Ricos e Pobres no Alentejo*, Lisboa, Sá da Costa.
- DESCAMPS, Paul (1935), *Le Portugal — la vie sociale actuelle*, Paris, Firmin-Didot.
- (1959), *Historie sociale du Portugal*, Paris, Firmin-Didot.
- DIAS, Jorge (1953), *Rio d'Onor, Comunitarismo Agro-Pastoril*, Porto, Instituto de Alta Cultura.
- (1961), «Algumas considerações acerca da estrutura social do povo português», in *Ensaio Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.
- DOMINGUES, A. A. Gomes (1990), «Família e reprodução social — reflexões teóricas em torno da construção do objecto científico», in *Actas do I Congresso de Sociologia*, vol. 1, Lisboa, Fragmentos, pp. 165-177.
- FEIJÓ, Rui (1983), *Liberal Revolution, Social Change and Economic Development — The Region of Viana (Northwestern Portugal) in the First Three Quarters of the Nineteenth Century*, tese de doutoramento, Oxford University.
- FEIJÓ, R., e J. A. Nunes (1986), «Household composition and social differentiation in nineteenth century in Portugal», in *Sociologia Ruralis*, t. XXVI, n.º 3-4, pp. 249-267.
- FERREIRA DA SILVA, Álvaro (1991), *Propriedade, Família e Trabalho no «Hinterland» de Lisboa (Oeiras), 1738-1811*, Lisboa, Universidade Nova, tese de mestrado.
- FERREIRA DA SILVA, Luísa (1991), «O direito de bater na mulher — violência interconjugal na sociedade portuguesa», in *Análise Social*, n.º 111, pp. 385-397.
- FERREIRA DE ALMEIDA, João (1986), *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, ICS.
- FONTES, José Machado (1918), «Os nossos inquêritos», in *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciência Social*, n.º 2, Porto, pp. 13-14.
- GUERREIRO, Maria das Dores (1989), «A família e a empresa», in *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 6, pp. 23-32.
- (1990), «Mulheres e relações familiares em Alfama», in *Actas I Congresso de Sociologia*, vol. 1, Lisboa, Fragmentos, pp. 245-258.
- INFANTE, Fernanda (1989), «Alguns dados sobre o quotidiano das famílias portuguesas — resultados de um inquérito», in *Actas do Seminário Tempo para o Trabalho, Tempo para a Família*, Lisboa, Direcção-Geral da Família, MESS.
- ITURRA, Raul (1985), «Casamento, ritual e lucro: a produção de produtores numa aldeia portuguesa», in *Ler História*, n.º 5, pp. 59-83.
- (1989), «La reproduction hors mariage — l'exemple d'un village portugais (1862-1983)», in *Études rurales*, n.º 113-114, pp. 87-100.
- KALAORA, Bernard, e Antoine Savoye (1989), *Les inventeurs oubliés. Le Play et ses continuateurs aux origines des sciences sociales*, Paris, Camp Vallon.
- LALANDA, R., e G. Rocha (1988), «La famille açoréenne au xx^{ème} siècle: une approche démographique», in A. Gonçalves et al. (eds.), *La sociologie et les nouveaux défis de la modernisation*, Porto, AISLF, pp. 515-526.
- LIVI-BACCI, Massimo (1971), *A Century of Portuguese Fertility*, Princeton, Princeton University Press.
- LOURENÇO, Nelson (1991), *Família Rural e Indústria*, Lisboa, Fragmentos.
- MACHADO PAIS, José (1985), «Família, sexualidade, religião», in *Análise Social*, n.º 86, pp. 345-388.

- MANO, P. Lalanda (1990), «O valor e o papel do álcool na família», in *Actas do I Congresso de Sociologia*, vol. 1, Lisboa, Fragmentos, pp. 259-267.
- MARTINS, J. P. de Oliveira (1956), *Fomento Rural e Emigração*, Lisboa, Guimarães & C.^a, Editores, L.^{da} (1887-1992).
- MEDEIROS, Fernando (1987), «Grupos domésticos e *habitat* rural no Norte de Portugal — o contributo da escola de Le Play, 1908-1934», in *Análise Social*, n.º 95, pp. 97-116.
- NAZARETH, José Manuel (1975-76), *Aspects régionaux de l'évolution de la fécondité au Portugal, 1930-1970*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- (1978), «Dinâmica da população portuguesa», in *Análise Social*, pp. 729-800.
- (1979), *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa, Presença/Gabinete de Investigações Sociais.
- NUNES, João Arriscado (1986), «On household composition in northwestern Portugal — some critical remarks and a case study», in *Sociologia Ruralis*, vol. xxvi, n.º 1, pp. 48-69.
- (1988), «Les transformations récentes de la famille et du ménage au Portugal (1960-1980)», in A. Gonçalves *et al.* (eds.), *La sociologia et les défis nouveaux de la modernisation*, Porto, AISLF, pp. 485-503.
- O'NEILL, Brian (1978), *Proprietários, Lavradores e Jornalheiros — Desigualdade Social Numa Aldeia Transmontana*, Lisboa, D. Quixote.
- PIMENTA, M. M. Alves (1918), «Os nossos inqueritos», in *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciência Social*, n.ºs 3/4, pp. 57-64.
- PINA CABRAL, João (1986), *Sons of Adam, Daughters of Eve — The Peasant Worldview of the Alto Minho*, Oxford, Clarendon Press.
- POINSARD, Léon (1910), *Le Portugal inconnu. Bureau de la science social*, fascs. 67 e 68, Março-Abril.
- REIS, Elizabeth (1990), «O tempo e o *quantum* do declínio da fecundidade em Portugal: análise dos intervalos entre nascimento», in *Actas do I Congresso de Sociologia*, vol. 1, Lisboa, Fragmentos, pp. 313-332.
- REIS, Maria Luísa Braula (1984), *A Evolução das Estruturas Familiares em Portugal*, Lisboa, ICS, «Estudos e Documentos ICS».
- RIBEIRO, Orlando (1963), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa.
- RODRIGUES, Julieta (1983) «Continuidade e mudança nos papéis das mulheres urbanas portuguesas: emergência de novas estruturas familiares», in *Análise Social*, n.ºs 77-78-79, pp. 909-938.
- RODRIGUES, Maria João, e M. Pires de Lima (1987), «Trabalho, emprego e transformações sociais: trajectórias e dilemas das ciências sociais em Portugal», in *Análise Social*, n.º 95, pp. 119-149.
- ROWLAND, Robert (1981), «Ancora e Monteria, 1827: duas freguesias do Noroeste segundo os livros de registo das companhias de ordenanças», in *Studium Generale — Estudos Contemporâneos*, n.ºs 2-3, pp. 199-242.
- (1984), «Sistemas familiares e padrões demográficos em Portugal: questões para uma investigação comparada», in *Ler História*, n.º 3, pp. 13-32.
- SANTOS, M. L. Lima dos (1969), «Família e socialização: um aspecto da evolução social contemporânea», in *Análise Social*, n.ºs 25-26, pp. 67-84.
- (1970), «Contribuição para uma análise sociográfica da família em Portugal», in *Análise Social*, n.º 29, pp. 41-95.

- SILVA, Manuela (1963), «Transformação social das estruturas familiares», in *Análise Social*, n.º 3, pp. 471-474.
- SEDAS NUNES, Adérito, «Histórias, uma história e a História — sobre as origens das modernas ciências sociais em Portugal», in *Análise Social*, n.º 100, 1988.
- SILVA, Manuel Carlos (1989), «Economia, campesinato e 'Estado Novo'», in *Ler História*, n.º 15, pp. 111-155.
- TORRES, Anália (1988), *Análise Sociográfica do Divórcio em Portugal*, Lisboa, Direcção-Geral da Família, MTSS.
- (1990), «Mulheres divorciadas — um contributo para o estudo dos processos de mudança na família», in *Actas do I Congresso de Sociologia*, vol. 1, Lisboa, Fragmentos, pp. 333-349.
- WALL, Karin (1986), «Agriculture et famille au Portugal: éléments pour une lecture critique», in *Le Portugal rural*, Braga, Soc. Portuguesa de Estudos Rurais, pp. 53-64.
- (1988), «Residência e sucessão na família camponesa do Baixo Minho», in *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 5, pp. 39- 60.
- (1992), «Pour une sociologie des formes familiales dans la société rurale», in *Familles et contextes sociaux*, actes du Colloque de Lisbonne, CIES/AISLF, Lisboa.
- WILLEMS, Emilio (1955) «A família portuguesa contemporânea», in *Sociologia*, São Paulo.